



REPROVAÇÃO ESCOLAR: UM OLHAR PARA ALÉM DE QUEM AVALIA.

Alina Kadigina da Silva Barros
FACNORTE/IBEA
alina.kadigina@gmail.com

Ronaldo Vieira Cabral
FACNORTE/IBEA
ronaldovieiracabral@gmail.com

INTRODUÇÃO

A reprovação ou repetência é um dos agravante que pode levar ao fracasso escolar, no Brasil este é um problema muito presente, mas que infelizmente ainda não se apresentaram soluções, essa realidade não é diferente na instituição escolar em estudo.

O que motivou a realizar este trabalho sobre a repetência foi à realidade da qual se encontra a sala de aula onde funciona 3º, 4º e 5º anos, pois devido sucessões de reprovações, encontra-se uma distorção idade-série considerável, já que de treze alunos que estudam nesta sala, nove estão com distorção. Apesar de ser um assunto bastante discutido no âmbito educacional brasileiro, ainda não temos soluções e resultados efetivos quanto a sua erradicação, como também é uma realidade que estamos deparando que requer de mim enquanto dos profissionais, um olhar crítico e reflexivo, pois não admitisse poder ignorar este problema. Acreditasse que alguma coisa pode e deve ser feita. Mas antes de alguma coisa ser feita é necessário investigar o que está causando este problema, onde ele reside a partir de então se pode fazer uma intervenção.

Assim, o presente trabalho traz à discussão a reprovação escolar e tem como objetivo, verificar na fala dos alunos qual o motivo de serem tantas vezes reprovados, concomitantemente identificar nas suas falas o que porventura está causando as sucessivas repetências.

METODOLOGIA



O campo de pesquisa para realização deste trabalho foi em uma Escola Rural da rede Municipal do município de Caraúbas-PB, da qual faço parte do corpo docente, trata-se de uma escola pequena, constituída de duas salas de aula multisseriadas, com um total de 26 alunos.

Desta forma, convidamos os nove alunos com distorção e realizamos uma entrevista semiestrutura. Para tanto, realizamos um estudo teórico baseado nos autores Paro(2001), Demo(2004) e Libânio(2010), que nos deu subsídios para analisarmos as falas dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As entrevistas tiveram como propósito compreender como os alunos se sentem na escola, o seu interesse, a relação entre colegas e educadores. Além de, saber a dificuldade em aprender nas aulas e o porquê ficaram reprovados.

No primeiro quesito questionado, todos afirmaram que se sentiam bem na escola, basicamente as respostas foram “bem”, apenas. No segundo quesito tivemos uma variação nas respostas, não imaginávamos que as repostas seriam positivas, dos nove, sete responderam que gostavam de realizar as atividades que envolviam uma maior intensificação de leitura, dois responderam que gostavam mais de fazer atividades de matemática.

No momento em que ouvia os alunos falarem, sentíamos um alívio saudoso, já que na fala deles não havia tanta objeção no ato de aprender, queremos dizer na disponibilidade em aprender, na doação que a própria aprendizagem necessita para se efetivar no ser humano. Desta maneira, se existia a disponibilidade, o problema da repetência não perpassaria mais por este segmento, isso é o que pensávamos enquanto ouvíamos as respostas dos alunos.

Umas das respostas que mais nos surpreendeu foram às coletadas em relação ao interesse em vir à escola, pois esperávamos ouvir que o recreio seria o momento que mais gostavam, três elencaram o recreio, mas os demais afirmaram e confirmaram que apesar do recreio ser um momento muito bom, preferiam as



atividades em sala de aula, o que na prática percebemos o grande apreço que os alunos tem pelo momento do recreio, talvez seja porque é o único momento em que a escola oferece para o aluno ser autônomo, criador das suas próprias criações representadas pelas brincadeiras, direcionamento de conversas, entre outras. Então a pesquisa já ganhava um delineamento de que a repetência existia, mas de acordo com a fala dos alunos existe a disponibilidade em aprender.

No quarto questionamento a intenção ainda era de perceber o interesse do aluno e contrapor com o que já haviam dito, em relação às outras respostas, esperávamos que estas fossem mais positivas, mas quatro alunos disseram que tinham preguiça de vir à escola, quando interrogados se tinham interesse de vir eles falaram que sim, mas quando ainda questionamos se sentem vontade de vir à escola, disseram que não.

Quinto ponto de questionamento, foi pedido aos alunos que falassem da relação deles com a professora. As respostas não foram positivas, todos responderam que não gostavam da professora, relataram "é chata demais". Percebemos nas falas deles uma grande objeção, o que é preocupante, pois para haver aprendizagem é necessária uma relação de respeito, de harmonia, o que pelo discurso observamos que não existia. Em relação às possíveis dificuldades encontradas em relação à aprendizagem, os alunos responderam que tinham dificuldades sim na aprendizagem e quando indagados em que disciplina ou assunto a maioria explicou que a dificuldade era na leitura, apenas um aluno citou os cálculos como dificuldade, dois falaram que foram reprovados por falta de interesse, dedicaram-se pouco, os demais disseram que não conseguiram aprender e por isso foram reprovados.

Relacionado a esse ponto de vista do aluno, Paro (2001) questiona que o mais grave de toda situação que envolve a reprovação é que o fracasso não surge como consequência das condições precárias oferecidas aos professores alunos pelo sistema educacional, mas para piorar a situação a culpa da reprovação aparece injustamente como incompetência do próprio aluno, e este, desprovido de senso crítico e acomodado à condição de inferioridade imposta pela sociedade por conta



da condição econômica, aceita o que seus professores, pais e demais membros da sociedade impõe-lhe culpa representada por desleixo ou até mesmo falta de inteligência por não ter aprendido.

Um ponto pertinente foi a respeito do estímulo, observamos que não existe por parte dos alunos motivação para os estudos, no entanto, sabe-se que para haver aprendizagem, faz-se necessário que ocorra uma disponibilidade do ser “aprendente”, essa disponibilidade surge a partir de incentivos suscitados pela família, pelo professor com sua metodologia inovadora, instigante e, sobretudo, sem estereótipos.

De acordo com Demo (2004), a falta de estímulo para com os estudos e a ausência de relação do que se é trabalhado na escola com o meio social resulta no desinteresse e conseqüentemente nas reprovações.

Sabe-se que a escola tem suas falhas e essas não são poucas, mas se cada uma das partes envolvidas, família, aluno e escola não lutarem juntas, o esforço de uma dessas estará fadado a fenecer ocasionando o fracasso escolar.

Um ponto pertinente foi o relacionado aos conteúdos que a escola vem trabalhando, é preciso que o professor esteja atento ao que trabalha com um olhar crítico, voltado para inserção deste aluno na sociedade de maneira profícua.

Refletindo sobre isto, Libâneo (2010), nos fala que a prática escolar deve ter comprometimento com processo de desenvolvimento, tanto individual quanto social visando intervenções nas condições sociais. Concordamos com o autor quando diz que é preciso construir uma pedagogia social de caráter crítico que encare ao saber como consciência. Com isso, a ação escolar deve ser voltada para a problematização das realidades sociais.

Para Libâneo (2010), a instituição escola é espaço para propagação do conhecimento e difusão do ensino, sendo um meio de acesso das camadas populares ao saber sistematizado, é um meio educativo de socialização, esta, por



sua vez funciona como norteadora sócio-política e é pertinente que cuide da formação da personalidade social concernente a uma nova cultura.

Contudo, analisando a fala dos alunos, suas expressões e, sobretudo convivendo mais de perto deles agora, foi possível observar que a falta de interesse, a dificuldade em aprender podem estar relacionadas com maneira de trabalhar o conteúdo isolado do meio social e a falta de estímulo da família em concernente aos estudos dos filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi verificar na fala dos alunos o motivo de serem tantas vezes reprovados, portanto, assim chegamos à conclusão a partir da explanação dos alunos que a falta de estímulo para com os estudos e a ausência de relação do que se é trabalhado na escola com o meio social resulta na falta de estímulo e conseqüentemente nas reprovações. Mas sentimos a necessidade de apurar esses casos de maneira mais intensa, analisando cada caso em particular, como este trabalho visou ouvir apenas os alunos, chegamos a esta conclusão, mas estamos certos de que para compreender a repetência na sua completude e na realidade desta escola, mais precisamente da turma mencionada neste artigo, faz-se necessário ouvir e analisar a professora que trabalhou alguns anos, a família e os alunos.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo, Edições Loyola, 2010.

PARO, Vitor Henrique. **Reprovação escola: renúncia à educação**. São Paulo: Xamã VM Editora e Gráfica, 2001.